

HIV/AIDS: QUATRO APROXIMAÇÕES BÍBLICAS

Waldemar Bettio

A questão do HIV/AIDS¹ é, nos últimos tempos, uma das que mais têm despertado o interesse da ciência e a preocupação da sociedade. A rapidez de sua propagação, o precário conhecimento de suas causas, de seu evoluir e de sua cura, o preconceito e o temor que gera, bem como a gama de sentimentos que provoca e a solidariedade que desperta fazem dela a "doença do século".

A Bíblia, fruto da reflexão do povo sobre os acontecimentos da vida analisados à luz da fé, não podia diretamente nada dizer a respeito. No entanto, na certeza de que a Palavra de Deus sempre atual pode ser e é fonte de inspiração para melhor compreender e se posicionar diante desse fenômeno desafiador, a ela recorrem as pessoas de fé.

Nesta nota, inicialmente serão expostas e analisadas três aproximações bíblicas à realidade das pessoas portadoras do HIV/AIDS, detectadas em contatos e conversas com membros dos grupos Solidariedade², GAPA³, vHIVER⁴ e Previna⁵. A primeira se baseia em Lc 13,1-5 e

¹ HIV: Human Immunodeficiency Virus. Em português: VIH. AIDS: Acquired Immunodeficiency Syndrome. Em português: SIDA.

² Solidariedade: grupo ecumênico formado por profissionais da área de saúde, alguns membros do GAPA-MG, padres, pastores e outros voluntários. Tem por objetivo dar apoio espiritual e promover solidariedade aos afetados pelo HIV/AIDS e seus familiares através de palestras, visitas, acompanhamento e mobilização nas Igrejas.

³ GAPA: Grupo de Apoio e Prevenção da AIDS. Atua mais na linha da informação, trabalho terapêutico e medicamentos.

⁴ VHIVER: grupo formado sobretudo por pessoas portadoras do HIV ou já afetados pela AIDS. Visa o apoio mútuo, troca de informações, formação de consórcios para medicamentos e o planejamento em conjunto de medidas antipreconceito.

⁵ Previna: grupo formado quase exclusivamente por profissionais do sexo. Busca passar informações e desenvolver um trabalho preventivo nos "pontos" das ruas e nas casas de prostituição. No próprio ambiente de trabalho, portanto.

Jo 9,1-3 e vê tais pessoas como “castigadas por Deus”. A segunda, a partir de Lc 10,25-37, compara-as ao “próximo necessitado” da parábola do Bom Samaritano. A terceira, com base em Is 53, identifica-as com o “servo sofredor”. Essas visões têm seu valor, mas são também questionáveis. Aqui se pretende reconhecer tanto os elementos positivos e libertadores quanto alertar para os aspectos alienantes e prejudiciais de cada uma.

Depois, será apresentada uma quarta aproximação, inspirada em Mc 10,46-52 e proposta como alternativa às concepções anteriores. Interpreta a situação dos portadores do HIV/AIDS na perspectiva do seguimento de Jesus e por isso poderá, a nosso ver, iluminar melhor a situação dos mesmos no contexto atual.

Na conclusão, serão elencadas algumas sugestões pastorais que, por advirem em sua maioria da experiência de pessoas atingidas pelo HIV/AIDS, pensamos serem úteis para uma adequada informação e posicionamento frente ao HIV/AIDS e às pessoas por ele afetadas.

Três aproximações detectadas

Pessoa portadora do HIV/AIDS: “castigada por Deus”

Para não poucas pessoas, sobretudo no círculo das pequenas Igrejas ou seitas, os portadores do HIV ou doentes da AIDS são vistos como castigados por Deus, vítimas de sua vida depravada e pecaminosa, que sofrem as conseqüências de suas desordens sexuais e do apego às drogas. E o que é pior, muitas vezes os próprios afetados pensam dessa maneira, internalizando tal concepção discriminatória.

Essa visão se aproxima do pensar israelita dos tempos de Jesus, que via todas as desgraças, doenças e outras desordens como “aflições enviadas por Deus como castigos pelo pecado — o pecado do próprio indivíduo ou de alguém da família”⁶. Como comprovante aduzem-se Lc 13,1-5 e Jo 9,1-3.

Nas duas perícopes, Jesus detecta a consciência errônea de seus interlocutores, a questiona e rejeita. Poderia ela ser condizente com determinadas concepções de um Deus castigador presentes no Antigo Testamento, mas não com a visão de Deus expressa em Jesus, um Deus que busca os pecadores (Lc 15,3-7), se alegra ao encontrá-los (Lc 15,8-10) e faz festa quando retornam ao lar (Lc 15,11-24).

Essa concepção, portanto, é anticristã. É anticristã porque anti-humana, contra a vida e o amor. Provoca nos afetados pelo HIV ou

⁶ A. NOLAN, *Jesus antes do cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 1988, 45.

pela AIDS sentimentos de culpa, angústia e desesperança, de rejeição e abandono. Cria, nos não afetados, atitudes preconceituosas e marginalizantes. Leva ao descaso e a acusações injustas em relação àqueles.

As conseqüências se tornam ainda mais terríveis quando, ao ver-se tudo sob o prisma da sexualidade ou das drogas, olvida-se que muitos atingidos pelo HIV/AIDS foram infectados no útero materno (crianças), em transfusões sanguíneas (hemofílicos), pelos maridos (mulheres fiéis de maridos infiéis) ou por contato com o sangue contaminado de pessoas que tentavam ajudar (auxílio em acidentes; enfermeiras).

Se assim é, que elementos positivos podemos extrair dessa visão? O que temos notado é que algumas pessoas, questionando-se, chegam à conclusão de que, mesmo sendo possível ver no HIV/AIDS uma conseqüência do pecado da humanidade em geral, não é correto ver as pessoas afetadas como castigadas por Deus ou pecadoras. Distinguem, assim, entre o vírus ou a doença e os seus portadores, entre o mal e suas vítimas. Solidarizam-se com estas e se engajam na luta contra aquele.

Outros, vendo em sua contaminação virótica ou na sua doença um castigo divino, fazem disso uma ocasião de mudança de vida. Param para refletir, buscam as possíveis causas desse "castigo" e corrigem atitudes e atos questionáveis de seu dia a dia. Com isso, reencontram a paz e se abrem para novas formas de relacionar-se consigo, com os outros, com a realidade e a transcendência.

Pessoa portadora do HIV/AIDS: "o próximo necessitado"

Entre os grupos assistencialistas e no povo em geral, é comum encontrar os que enfocam a situação da pessoa portadora do HIV/AIDS a partir de Lc 10,25-37, identificando-a com a do homem assaltado, espancado e deixado semimorto, ignorado por sacerdotes e levitas e necessitado da compaixão de "samaritanos".

Tal concepção permite refletir sobre as causas externas que influenciam na questão do HIV/AIDS, questionar os que vêem a situação e se omitem, bem como ressaltar a importância da solidariedade para que as pessoas atingidas possam enfrentar e assumir sua não fácil situação. Em contrapartida, coloca o afetado pelo vírus ou pela doença em posição de total impotência e dependência. Isso não condiz com a verdade, embora seja certo que ocorra em alguns casos. Mas mesmo aí, pelo próprio fato de estarem afetadas, essas pessoas desempenham já o importante papel de provocar a sociedade para a prática do amor total, desinteressado e sem preconceitos. No entanto, é possível e melhor quando, além disso, se unem e unidos lutam solidariamente pela sua causa e a de todos os oprimidos e desconsiderados.

Embora muitos elementos interessantes pudessem ser extraídos dessa concepção, importa-nos aqui ressaltar a atitude e o agir do samaritano, pois vemos também presentes no agir e nas atitudes das pessoas que participam dos grupos com que temos contato. Normalmente, são as pessoas com muito trabalho e pouco tempo, mas com sensibilidade de coração, as que se engajam e melhor colaboram nos serviços de apoio. Sentem com e deixam-se afetar pela situação dos portadores do HIV/AIDS. Aproximam-se deles e não fogem, superando o compreensível temor da contaminação. Empenham-se por conseguir lugar que abrigue os doentes, acompanham o evoluir da doença e não raro envolvem outras pessoas no serviço. Tiram do que lhes é necessário em prol dos que ajudam e perseveram no acompanhamento, não abandonando o doente à própria sorte.

Isso tudo ensina às entidades de apoio e solidariedade que não devem buscar seus membros entre os desocupados. Afinal, quem não serve para ou não quer fazer outra coisa também para esta missão é dispensável. A menos que nela se encontre e plenamente a assuma.

Sob outro prisma, a visão do afetado pelo HIV/AIDS como “um próximo necessitado” pode levá-lo ao comodismo, não reagindo à doença e tudo esperando dos outros, como se ele nada mais pudesse oferecer a si, à vida e à sociedade. Nos que o cercam, pode provocar sentimento de pena e levar ao paternalismo, atitudes que nada têm a ver com a compaixão evangélica e em nada contribuem para a libertação da pessoa atingida.

Pessoa portadora do HIV/AIDS: “servo sofredor”

Em alguns casos, não muitos, temos notado que a pessoa afetada pelo HIV/AIDS se entende ou é vista à luz de Is 53 como Servo Sofredor.

Realmente, sobretudo quando o vírus evolui para a doença, pode acontecer que a pessoa fique sem graça nem beleza para atrair nossos olhares e seu aspecto nada apresenta de cativante (cf. v. 2). Acaba sendo desprezada, tratada como a escória da humanidade, amaldiçoada, e diante dela viramos o rosto (cf. v. 3).

Poucos defendem sua causa e, estando vivo, da terra dos vivos é suprimido, marginalizado (cf. v. 8). Torna-se, então, um “homem das dores, experimentado nos sofrimentos” (v. 3), e quando morre, mesmo que não tenha cometido injustiça alguma, entre os malfeitores é situado (cf. v. 9). Com sarcasmo, às vezes com pena ou expressão falsamente triste, comenta-se: — Morreu de AIDS!

É terrível esse tratamento, principalmente quando parte de familiares e amigos, companheiros de trabalho e profissionais de saúde, membros das Igrejas e colegas de escola.

Alguns dos afetados, sentindo-se depositários da culpa da humanidade, resignam-se e não abrem a boca, seja por temor seja por desacreditarem na possibilidade de mudança. Deixam-se vencer, fecham-se em si e caem em profunda depressão. “Por que eu?” — se perguntam.

Outros têm consciência de que não carregam sobre si a culpa da humanidade, mas livremente assim assumem o HIV/AIDS. Dão-lhe um sentido. Oferecem seus sofrimentos e as manifestações de preconceito por que passam para a salvação da humanidade, como sacrifício expiatório. Isso lhes traz grande força e os ajuda a enfrentar com serenidade a evolução de sua doença (quando for o caso), bem como a luta para transformar as situações adversas.

Com a maturidade e coragem providas de uma dor assumida com sentido, lutam contra a doença e a discriminação, buscam informações sobre suas causas e desenvolvimento, elevam a voz nos meios de comunicação social, exigem mais leitos e melhor atendimento nos hospitais, reúnem seus irmãos de situação em consórcio de medicamentos e associações e assim por diante. Tornam-se, desta forma, profetas e missionários, dando o que pensar aos que com eles entram em contato e contribuindo para a conversão e transformação da sociedade.

Quanto aos não-portadores, ao verem a pessoa infectada ou doente sob o prisma do “servo sofredor”, freqüentemente projetam sobre ela todas as responsabilidades que também deveriam assumir. Outras vezes, porém, param para pensar, dão-se conta da injustiça que ocorre e se engajam na luta pelo reconhecimento da dignidade das pessoas atingidas, sentindo-se corresponsáveis pelo que acontece e contribuindo na construção de uma sociedade sem necessidade de “servos sofredores”, porque solidária, justa e fraterna.

Uma aproximação alternativa

Pessoa portadora do HIV/AIDS: “seguidor de Jesus”

Os textos anteriores permitem enfocar a problemática dos portadores do HIV ou doentes da AIDS, porém, por serem passíveis de falsas interpretações e abrirem chance a atitudes alienantes, julgamo-los limitados. Buscamos, então, uma alternativa, e pensamos tê-la encontrado em Mc 10,46-52. É um episódio rico em sentido humano, social e psicológico e por isso favorece uma aproximação libertadora e condzente com a realidade atual do nosso objeto de estudo.

Destaquem-se alguns tópicos da perícópe: a situação de marginalização social e econômica em que se encontra Bartimeu; a omissão da

multidão; a transformação por que passa o cego ao saber de Jesus; a repreensão de que é vítima; sua coragem e perseverança; o encontro pessoal com Jesus; o efeito libertador da fé; o seguimento de Jesus "pelo caminho".

Tais elementos nos permitem fazer um paralelo entre Bartimeu e os portadores do HIV/AIDS. Também estes são marginalizados e vítimas de descaso e preconceito. Se esperarem pela iniciativa do governo, das Igrejas e de outros segmentos da sociedade, dificilmente alguma solução virá. É necessário, pois, que reajam pessoal e/ou grupalmente à passividade, e isso só ocorre a partir de uma motivação, da descoberta de um sentido maior, que normalmente é o desejo de viver. Ao se manifestarem e assumirem sua situação, com frequência e de muitos modos sofrem as conseqüências: perdem amigos e emprego, são silenciados e repelidos, são tachados de "aidéticos" e como tais desprezados. Muitos desanimam, fecham-se, desistem de lutar e de viver. Outros não esmorecem nem se acovardam diante da oposição; antes, são por ela provocados em seus bríos e graças a ela acabam exteriorizando forças, capacidade de mobilização e convicções que antes talvez nem tivessem percebido em si. Não poucos, na luta partilhada pelo reconhecimento da própria dignidade, pelo fim do preconceito e por melhores condições hospitalares, acabam se encontrando mediata ou imediatamente com Jesus Cristo, sua pessoa e sua mensagem. Essa experiência faz sentirem-se acolhidos e valorizados, leva-os à fé e reforça sua disposição de assumir-se sempre mais e lutar pela vida, solidariedade e justiça, que nada mais são do que expressões do seguimento de Jesus.

Em Marcos, é a fé de Bartimeu que o salva, e como conseqüência segue Jesus "pelo caminho", caminho que é o de Jerusalém, lugar do sofrimento e da cruz, embora também da ressurreição. Na vida dos portadores do HIV/AIDS, essa fé pode na maioria das vezes ser vivida no silêncio e o caminho pode ser mais de calvário que de sepulcro vazio. É o que ocorre quando alguém se vê preso à cama ou impedido pelas circunstâncias de uma atuação mais perceptível ao seu redor. Aqui, então, a fé, que sempre é dom, age internamente e dá sentido ao não-sentido da dor, da miséria, da marginalização. A consciência de ser por Jesus amado e aceito, valorizado e liberto dá serenidade, paciência e razões à esperança do enfermo. E o seguimento se faz anônimo, silencioso e dolorido até, mas nem por isso menos significativo e frutuoso aos olhos de Deus.

Seja, no entanto, vivida no silêncio do quarto ou na militância ativa, a fé sempre transforma a relação dos afetados pelo HIV/AIDS consigo, com os outros, com o mundo e com Deus. Leva-os a valorizar mais a vida, acreditar em suas próprias capacidades, abrir-se aos de-

mais e ao sentido profundo da existência, remetendo-os aos valores que verdadeiramente transformam as pessoas, as relações humanas e as estruturas sociais.

Isso é o que percebemos nas pessoas atingidas pelo HIV/AIDS quando se compreendem na perspectiva do seguimento de Jesus. Assumem seu caminho e por ele perseveram, sejam quais forem as circunstâncias. O mesmo ocorre com quem assim os compreende: juntam-se a eles, no Senhor.

É por isso que propomos tal enfoque como alternativo. Reconhecemos, todavia, que também ele possui um limite: pode dar a impressão, diante do realce dado ao agir de Bartimeu, que a libertação dos afetados pelo HIV/AIDS é uma tarefa só deles, particularista, e que os demais pouco ajudam ou só atrapalham. Não é isso que defendemos! É certo que o empenho pessoal, a confiança em Jesus, a força da esperança e o comprometimento de cada um na realização do que espera são fundamentais; contudo, a solidariedade dos não-atingidos e o apoio das estruturas são imprescindíveis para uma plena transformação e superação dessa complexa problemática.

Como conclusão

Apresentadas essas aproximações bíblicas à questão do HIV/AIDS, com seus valores e limites, convém chamar a atenção para certas medidas e atitudes pastorais que ajudam quem pretende informar, visitar e/ou acompanhar comunidades ou pessoas atingidas pelo vírus ou pela doença:

a) distinguir entre portadores do HIV e afetados pela AIDS. Ser portador do vírus é diferente de ser portador da síndrome. Apenas uns 50% dos soropositivos desenvolvem a doença em algumas de suas múltiplas manifestações. Daí ser importante diferenciar entre ambas as situações e esclarecer sobre elas. Os próprios afetados fazem questão disso e o exigem, a fim de tirar a pecha de fatalidade que se criou em torno ao HIV, construir a esperança e mantê-la, insistir que a vida continua, e com sentido.

b) Conscientizar sobre as formas de contágio e tratar os atingidos pelo HIV/AIDS com normalidade. "Não façam de nós leprosos", dizia um deles numa reunião do Solidariedade, manifestando seu desejo de não receber um tratamento diferenciado no sentido de marginalizante.

c) Mostrar a familiares, amigos e povo em geral que a solidariedade e amizade são fundamentais para que os portadores se posicionem positivamente contra seu mal e acreditem na vida.

d) Veicular atitudes pessoais que neutralizam ou ao menos retardam o desenvolvimento do vírus, segundo a experiência de afetados com longa sobrevivência: recusar a fatalidade do HIV/AIDS; assumir uma atitude interior positiva; informar-se adequadamente sobre a questão; conjugar várias formas de tratamento; permitir que momentos de revolta aflorem, mas saber superá-los; contar com o apoio e amizade alheia; realizar atividades prazerosas; descansar bem; alimentar-se equilibradamente; dar um sentido à existência; comprometer-se com a vida; ter fé e rezar.

e) Incentivar as pesquisas que buscam as raízes da síndrome e a medicação capaz de combatê-la e se possível erradicá-la, bem como detectar as atitudes e ações humanas que disseminam o HIV/AIDS e modificá-las, valorizando a própria vida e a do outro.

f) A exemplo de Jesus em relação a Bartimeu, ir ao encontro das pessoas afetadas, sentir com elas, acolhê-las e desde dentro de sua realidade buscar em comum soluções.

g) Trabalhar sobretudo na linha da prevenção, através do diálogo, de informações corretas e atualizadas e de outros meios.

h) Envolver os diferentes setores da sociedade na luta contra o HIV/AIDS e em favor das pessoas atingidas. Então, o mal que tanto preconceito, discriminação e sofrimento tem causado pode se converter — e em parte já se converteu — em motivo de parada e reflexão, despertar pessoas e países à solidariedade, resgatar o valor e a dignidade do homem e motivar todos à vivência de valores mais profundos e condizentes com a razão, a liberdade e a dignidade do ser humano (“outro lado” da doença).

Repensar a vida e repensar-se diante da vida, assumir a própria situação e com ela conviver, unir-se aos companheiros de situação e com eles buscar informações, convivência e razões para viver são outras atitudes e medidas que muitos afetados pelo HIV/AIDS assumem quando se descobrem assim. Um deles, Floriano, que há nove anos convive com o vírus, dizia-nos”

“Eu precisei do vírus para parar e pensar na vida e sua importância. Oxalá muitos pensem nisto e saibam bem viver sem precisar do HIV”.

Conscientes, assumidos e solidários, é comum partirem para a conscientização social, buscando esclarecer a população sobre a questão e impedir tanto a disseminação da síndrome quanto que os portadores sejam tratados como os leprosos da Bíblia, marginalizados e objeto das mais variadas formas de preconceito. Quando essa luta pela dignidade e vida humanas se alicerça explicitamente na fé em Jesus Cristo, a capacidade de assumir com sentido sua não fácil situa-

ção, a força das convicções e o potencial evangelizador/transformador se tornam ainda mais salientes.

Quem convive com eles sabe do seu valor e do quanto através deles atua o Deus que é sobretudo dos pobres e oprimidos. Somando forças podemos, pois, presentificar o que esperamos: uma sociedade nova, sem castigos nem espoliados, sem servos a sofrer ou pessoas “à beira do caminho”; humanidade nova, coerente e solidária, corresponsável e comprometida com a vida em plenitude, para tudo e para todos, em todos os sentidos.

Waldemar Bettio é bacharel em Filosofia e Teologia pelas respectivas Faculdades do CES (Belo Horizonte-MG). Atualmente integra a equipe do “Grupo Solidariedade”, integrante também do Departamento de Pastoral do Colégio Santo Agostinho (Belo Horizonte-MG) e colabora em cursos de Teologia para leigos.

Endereço: Rua Joaquim Meirelles, 14 — 31611-190 Belo Horizonte-MG